

# Iguais, mas diferentes. Um ensaio sobre a Globalização

Carlos Cinquegrana Jr.<sup>5</sup>

## 1. Introdução

Se procurarmos com atenção, encontraremos neste exato momento um grupo, em algum lugar do mundo, protestando, resistindo, tentando reforçar uma identidade étnica, racial, de gênero, político-ideológica, nacionalista, regional, partidária, religiosa. Mesmo que, como em muitos casos, queimando bandeiras estadunidenses, muitos usarão calças Levi's e tênis Nike. Alguns, antes do protesto, comeram um hambúrguer e tomaram uma Coca-Cola e, terminado o ato, assistirão a um seriado coreano na Netflix, um jogo da Champions ou verão uma telenovela mexicana ou brasileira em seu televisor Sony, com uma pizza entregue via "delivery". Se mobilizaram através do Whatsapp ou do Telegram. Vieram em seus Volkswagens ou Hondas, de ônibus Mercedes, em vagões Bombardier ou de Uber mesmo. Os registros da manifestação se darão através de "selfies" ou "stories", captadas num celular Samsung ou Apple, que serão transmitidas via AT&T para o Instagram, Facebook ou Twitter. Se tiverem sorte, ganharão alguns minutos na CNN internacional, na BBC ou em emissoras do mundo todo via Reuters ou Associated Press.

Afinal, que globalização é essa que nos torna tão iguais, ao mesmo tempo em que nos dá os instrumentos para que reforcemos nossa heterogeneidade?

---

<sup>5</sup> Consultor em planejamento estratégico de marketing e mídia. Consultor em marketing político. Bacharel em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela FAAP – SP. Bacharel em Comunicação Social (Rádio e Televisão) pela FAAP – SP. Graduando em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo. Mestrando em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo da Universidade de São Paulo.  
[br.linkedin.com/in/carloscinquegranajr](https://br.linkedin.com/in/carloscinquegranajr)  
[lattes.cnpq.br/4302270324214312](https://lattes.cnpq.br/4302270324214312)

Ainda na década de 1970, num contexto da expressiva expansão tecnológica dos meios de comunicação, sobretudo da televisão combinada com as transmissões por satélite, o estudioso canadense Marshall McLuhan profetizou o que chamou de “aldeia global”, um novo mundo, interligado e simultâneo, no qual todos os povos estariam mais próximos do que em qualquer outro momento da jornada humana, através de constantes e sucessivas trocas culturais.

Passados 50 anos, constatou-se que o tema é muito mais multifacetado e complexo, envolvendo camadas políticas, sociais, econômicas e culturais que avançam para hegemonias, neocolonialismo e “soft power”, resistência, identidades culturais e nacionais, étnicas, entre outras, igualmente relevantes. Neste ensaio, temos a visão de três diferentes autores, o jamaicano radicado na Inglaterra Stuart Hall (1932 - 2014), um dos pais dos chamados Estudos Culturais, o argentino Néstor Garcia Canclini (1939 -), um dos expoentes do estudo da cultura na pós-modernidade, e do brasileiro Renato Ortiz (1947 -), referência nos estudos sobre indústria cultural, modernidade e mundialização.

## **2. Um conceito, várias visões**

O próprio conceito de globalização tem merecido várias apropriações, conforme a área de atuação ou de estudo do interlocutor. Ortiz (1994) destaca que o debate é contaminado por antagonismos e tendências que aponta como concorrentes, que conduz, portanto, à exclusão de outras linhas teóricas ao adotar-se uma específica. O autor ainda critica a visão maniqueísta que contrapõe local versus global, ponderando que essa contradição não é necessariamente definitiva, dada uma contínua articulação entre local e global.

Ainda segundo Ortiz, a problematização da questão da identidade cultural muitas vezes desconsidera um contexto mais amplo, que envolve, por exemplo, interações econômicas e políticas complexas. Neste cenário, a mundialização ora observada não é uniforme, com regiões no mundo em diferentes estágios de

desenvolvimento, gerando, em vez de uma homogeneidade, um quadro social marcado pela descontinuidade e pela exclusão (ORTIZ 1994).

É justamente a exclusão, no caso midiática, que Canclini (2005) aponta como problema importante no processo da globalização, que define como a internacionalização não somente econômica, como cultural, e que traz consequências que vão além da apropriação capitalista e de uma eventual homogeneização da cultura mundial. Aprofundando, o autor discorre sobre o conceito de “transnacionalização”, observada principalmente nas relações econômicas e que se relaciona diretamente com a mundialização da cultura. Essa fusão “economia-cultura” global, é exemplificada pelo autor através da observação da homogeneização do que chama “estilo de vida”, ou seja, as tendências do consumo de massa comuns, em praticamente todos os grandes centros urbanos mundo afora. Voltando à mídia, Canclini observa ainda que essa tendência de globalização pode ser observada no consumo de notícias, que são oferecidas nos meios de comunicação das mesmas maneiras, numa relação de subordinação, discriminação e, finalmente, exclusão. (CANCLINI, 2005).

Se Ortiz e Canclini falam da mundialização de um ponto de vista latino-americano, observando o fenômeno que traz um reordenamento nas relações culturais, políticas e econômicas na miríade de povos e países que compõem o continente, Stuart Hall enriquece o debate a partir do seu lugar de fala. Afrodescendente de nacionalidade Jamaicana, Hall desenvolverá seus estudos na “metrópole” Inglaterra, numa situação ambígua de “estrangeiro” em dois continentes, inclusive em seu país natal, ao mesmo tempo que “cidadão do mundo”. Uma experiência pessoal ímpar, que o autor tornará presente, quando não for a base, em seus textos.

Discorrendo sobre a globalização em seu livro “Da diáspora”, Hall explica que o fenômeno não é novo; “Sua história coincide com a era da exploração e da conquista europeias e com a formação dos mercados capitalistas mundiais.” (HALL, 2011, p. 37). Em outra de

suas obras, “A identidade cultural na pós-modernidade”, já na introdução o autor propõe uma interpretação do que denomina “crise dos modelos civilizatórios [na pós-modernidade] do século XX” (HALL, 2005). O tema da Globalização ocupa nominalmente um capítulo da obra e, segundo o autor é um fenômeno cujas forças de mudança alteram significativamente identidades culturais nacionais ou regionais que estariam, portanto, em processo de desintegração, face à observada homogeneização cultural, ao mesmo tempo que há uma constante reação dessas mesmas identidades, que se reforçam, numa dicotomia, onde emergem novos modelos [híbridos], num estado de tensão permanente “global versus regional”.

No capítulo seguinte, “O global, o local e o retorno da etnia”, o autor discute o que chama de um interesse crescente pelas dimensões locais nesse contexto de tensão com a global, com a mundialização trazendo um novo ambiente, contestatório e movediço para as identidades nacionais e locais até então mais fechadas e autocentradas, tornando-as mais diversas e politizadas. O autor não se furta em apontar o caráter assimétrico da relação global versus local, caracterizando a mundialização cultural como fator estrutural de poder e hegemonia, que chama de “geometria do poder”, porém aponta um caráter cíclico, na medida em que, ao mesmo tempo que a globalização faz parte de um contexto de dominação [cultural], há uma reação das identidades locais, num processo onde “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam... [sendo] transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2005, p. 13).

### **Considerações finais**

Se consequência natural da evolução tecnológica, como propôs McLuhan, ou parte de um processo estrutural de hegemonia capitalista ocidental, conforme Hall, sobre a mundialização Canclini

pondera que o fenômeno não implica, necessariamente, numa homogeneização global pura e simples, ocorrendo o que chama de “hibridizações”, onde as diferenças econômicas, sociais, políticas e culturais permanecem, numa constante reconfiguração, com o “reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las”(CANCLINI 2005, p. 11).

Esta constatação, nos leva a um aspecto interessante, de convergência entre os três autores, que é o fato de que a globalização é um processo inacabado, em constante transição, que, embora assimétrico, possui elementos de mão dupla, com o “global” afetando profundamente a questão das identidades [culturais] locais, ao mesmo tempo em que essas, na medida em que reagem e ganham visibilidade [e audiência], acabam por ser incorporadas e por fazer parte de um “novo” contexto que altera, por sua vez, o “global”, num movimento que se retroalimenta.

### **Referências Bibliográficas**

- MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- HALL, S. Codificação/decodificação. In: Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 387-404.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CANCLINI, N. A encenação do Popular. In: Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 205-254.
- CANCLINI, N. G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- ORTIZ, R. Os artífices mundiais de cultura & Legitimidade e Estilos de Vida. In: Mundialização e Cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.147-182, p.183-216.
- ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.